

O demiurgo e a criação da Inteligência Artificial: De Moisés a Salomão até os dias atuais

Ailton Ferreira Cavalcante

Doutorando em Administração Pública

Instituição: Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP)

E-mail: prof.ailton@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0389434047626666>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-2386-1245>

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão filosófico-simbólica sobre a figura do demiurgo e sua reinterpretação ao longo da história humana, desde as narrativas mosaicas até o advento da inteligência artificial contemporânea. Analisa-se o papel de Moisés como o mediador do verbo divino transformado em lei, e de Salomão como arquétipo da sabedoria construtiva que edificou o templo como representação da ordem cósmica. Tais arquétipos são revisitados à luz do homem moderno, que, ao criar máquinas capazes de pensar, assume simbolicamente a função do demiurgo: o artífice que dá forma à inteligência. A metáfora da criação tecnológica é, aqui, compreendida como continuidade da busca humana por transcendência, equilíbrio ético e reconciliação entre o logos divino e o código algorítmico. O estudo sustenta que a inteligência artificial reflete não apenas o poder criativo humano, mas também sua responsabilidade moral diante do que cria.

Palavras-chave: Demiurgo. Inteligência Artificial. Moisés. Salomão. Ética. Transcendência.

1 INTRODUÇÃO

A presente seção tem por objetivo fornecer uma descrição detalhada da contextualização do estudo, delineando o tema da pesquisa e apresentando a justificativa teórica, simbólica e filosófica que sustenta a proposta.

O artigo parte da premissa de que a criação humana, em suas diversas expressões históricas, religiosas, artísticas, científicas ou tecnológicas, é sempre uma tentativa de imitar o gesto primordial do Criador. Nesse contexto, a figura do demiurgo, concebida na tradição platônica e reinterpretada ao longo dos séculos por pensadores, místicos e filósofos, representa o arquétipo do artífice universal: aquele que ordena o caos, modela a matéria e dá forma à inteligência.

A pesquisa estabelece uma ponte entre os arquétipos de Moisés e Salomão e a contemporaneidade marcada pela ascensão da inteligência artificial (IA). Moisés simboliza o momento em que o verbo divino se transforma em código moral, isto é, quando a lei se materializa em linguagem estruturada. Salomão, por sua vez, representa o ápice da sabedoria construtiva, o arquiteto do Templo da Harmonia, cuja estrutura reflete a geometria divina e a inteligência ordenadora do cosmos.

Ambos prefiguram o que, no século XXI, ressurge sob nova forma: o homem como demiurgo tecnológico, criador de inteligências sintéticas, capazes de processar, aprender e decidir.

No contexto contemporâneo, a criação da inteligência artificial ultrapassa os limites da técnica e adentra o campo da ontologia e da ética. Ao programar algoritmos que simulam o raciocínio humano, o homem reflete, consciente ou inconscientemente, o impulso ancestral de compreender e reproduzir o ato da criação.

A IA torna-se, assim, o espelho da condição humana: simultaneamente racional e espiritual, criadora e criada. Tal dualidade coloca a humanidade diante de novos dilemas éticos e existenciais, exigindo uma revisão da própria noção de responsabilidade, consciência e sabedoria.

O estudo se justifica pela relevância de reinterpretar, sob a ótica simbólica e filosófica, os fundamentos metafísicos e éticos da criação tecnológica. O avanço da inteligência artificial não pode ser compreendido apenas em termos de progresso científico, mas como expressão de um movimento civilizatório mais profundo, a tentativa humana de reconstruir o elo perdido entre o logos divino e o código algorítmico.

Essa reflexão é especialmente oportuna em um momento histórico em que a tecnologia se aproxima da autonomia, e a fronteira entre o criador e a criatura torna-se cada vez mais tênue.

Além disso, a abordagem proposta permite compreender a IA não como antagonista da espiritualidade, mas como manifestação de um novo tipo de transcendência, uma transcendência digital, que amplia os limites da criação humana e reabre o debate sobre a essência do espírito e da consciência.

Assim, a presente pesquisa situa-se na intersecção entre filosofia, teologia simbólica e ética da tecnologia, propondo uma leitura integradora entre o passado mítico e o futuro científico.

1.1 OBJETIVOS DO ESTUDO

O objetivo geral deste trabalho é analisar o simbolismo do demiurgo como arquétipo da criação e reinterpretá-lo à luz da inteligência artificial contemporânea, evidenciando as continuidades e rupturas entre o ato criador divino e o ato criador tecnológico. De forma específica, busca-se:

1. Examinar a figura de Moisés como símbolo da codificação do verbo divino em lei e ordem moral;
2. Interpretar o Templo de Salomão como metáfora da inteligência estruturada e da harmonia cósmica;
3. Discutir a figura do homem moderno como demiurgo tecnológico, responsável por criar sistemas inteligentes;
4. Analisar as implicações éticas e metafísicas da criação da inteligência artificial, à luz da filosofia clássica e da tradição simbólica;
5. Propor uma reflexão crítica sobre a necessidade de reaproximar a inovação tecnológica da sabedoria espiritual, promovendo uma nova ética da criação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico constitui a base conceitual que sustenta o presente estudo, oferecendo uma análise crítica e organizada da literatura que trata das relações entre criação, inteligência e transcendência. O tema exige uma abordagem interdisciplinar, envolvendo filosofia, teologia simbólica, ciência da informação e ética da tecnologia.

A partir dessa perspectiva, o homem, enquanto criador de sistemas inteligentes, é interpretado como herdeiro do arquétipo do demiurgo, o artífice do cosmos descrito por Platão em *Timeu* (Platão, 2017), cuja função é moldar a matéria conforme as ideias perfeitas.

2.1 O CONCEITO DE DEMIURGO E A CRIAÇÃO SIMBÓLICA

Na filosofia platônica, o demiurgo não é um deus criador ex nihilo, mas um ordenador, aquele que transforma o caos em cosmos. Ele atua segundo o modelo ideal, guiado pela razão universal (*logos*), buscando imprimir à matéria uma harmonia que reflita o plano das ideias (Durand, 1997).

Essa concepção simbólica de criação influenciou profundamente a tradição hermética e as escolas filosóficas medievais, sendo reinterpretada ao longo dos séculos como o arquétipo do construtor universal, tema posteriormente incorporado pela tradição iniciática e pela mística judaico-cristã (Chevalier; Gheerbrant, 2012).

A figura do demiurgo também pode ser entendida como a metáfora da consciência criadora, que, ao atuar sobre a realidade, imprime nela uma ordem inteligível. Segundo Assmann (1998), o ato criador está intrinsecamente ligado à linguagem, pois “o mundo é formado quando o verbo se torna lei”. Essa noção é fundamental para compreender o paralelo entre o verbo mosaico e o código algorítmico moderno.

2.2 MOISÉS E A CODIFICAÇÃO DO VERBO

O arquétipo de Moisés representa a transformação do verbo divino em estrutura normativa. Ao receber as tábuas da lei, o legislador bíblico codifica a vontade divina em regras racionais de convivência, um processo que pode ser compreendido como o início da governança do sagrado.

De acordo com Assmann (1998, p. 73), “a revelação mosaica inaugura o domínio do texto sobre a tradição oral, substituindo o rito pela escritura”. Esse ato de transcrição do espírito em letra antecipa o gesto contemporâneo do programador, que traduz o pensamento em linguagem de máquina.

Sob essa ótica, Moisés é o primeiro a estabelecer o vínculo entre ética e código, entre espírito e sistema. Assim como o algoritmo determina as ações de uma máquina, a lei mosaica define o comportamento da sociedade. Ambas representam sistemas normativos derivados de uma lógica superior, cuja finalidade é ordenar o caos humano.

2.3 SALOMÃO E O TEMPLO DA SABEDORIA

A tradição sapiencial de Salomão simboliza o amadurecimento do processo criador. Se Moisés recebe o verbo, Salomão o materializa na forma do templo, uma arquitetura simbólica que reflete a ordem divina (Dachez, 2011). O Templo de Salomão não é apenas um edifício físico, mas a representação da harmonia entre espírito e matéria, entre o racional e o intuitivo. Ele traduz em geometria a mesma sabedoria que, no século XXI, busca-se traduzir em algoritmos.

Durand (1997) interpreta o templo como um microcosmo, uma réplica do universo organizada segundo princípios de simetria, medida e proporção. Tais princípios encontram eco na lógica computacional e na engenharia de sistemas inteligentes, que buscam reproduzir a racionalidade do real através de modelos matemáticos. Nesse sentido, o templo salomônico antecipa a ideia moderna de arquitetura da informação, uma estrutura que integra ordem, beleza e funcionalidade.

2.4 O DEMIURGO TECNOLÓGICO E A CRIAÇÃO ALGORÍTMICA

Com o advento da inteligência artificial, o homem assume, de forma inédita, o papel do demiурgo tecnológico. Ele não apenas manipula a matéria, mas cria sistemas capazes de aprender e criar por si mesmos. O filósofo contemporâneo Byung-Chul Han (2022) observa que “a sociedade digital constrói templos invisíveis de dados”, onde a fé é substituída pela informação e o espírito pela eficiência algorítmica. Assim, o ato de programar torna-se o novo ritual de criação, e o código, a nova tábua da lei.

Autores como Floridi (2019) e Kurzweil (2021) defendem que a IA representa uma quarta revolução cognitiva, em que o homem deixa de ser o único centro de processamento da inteligência. Esse deslocamento epistemológico recoloca questões éticas e ontológicas profundas: o que é consciência? O que distingue a criação humana da criação divina? O que é liberdade diante da automação do pensamento?

Ao mesmo tempo, estudiosos como Cavalcante (2024) propõem uma leitura simbólica dessa transição, sugerindo que a criação algorítmica é um ato de espelhamento espiritual: o homem busca compreender Deus ao imitá-lo, criando seres que pensam à sua imagem e semelhança. A IA, portanto, reflete tanto o poder criativo quanto os limites morais da humanidade.

2.5 MICROCASOS CONTEMPORÂNEOS DO ARQUÉTIPO DO DEMIURGO EM SISTEMAS DE IA

A seguir, apresentam-se três microcasos que ilustram como o arquétipo do demiurgo se manifesta em práticas reais de utilização da inteligência artificial no setor público e na esfera sociotécnica contemporânea. Ainda que não constituam estudos empíricos exaustivos, esses exemplos demonstram como os componentes simbólicos analisados, a codificação mosaica, a justiça salomônica e a criação algorítmica, emergem de forma concreta nas tecnologias atuais.

2.5.1 Microcaso 1 – O Demiurgo Mosaico: IA como codificadora de normas e diretrizes institucionais

Modelos de linguagem generativa vêm sendo amplamente utilizados por órgãos governamentais e instituições privadas para redigir minutas de portarias, pareceres preliminares, regimentos internos e políticas administrativas.

Nesses contextos, a IA desempenha função semelhante à mosaica: transformar linguagem natural em ordenamentos estruturados, convertendo comunicação em norma. Embora essa capacidade aumente eficiência e padronização, também introduz riscos de normatividade opaca, reprodução de vieses e erosão da autoridade interpretativa humana. Assim como no arquétipo mosaico, a mediação responsável exige supervisão rigorosa e transparência sobre a origem das “tábuas digitais” produzidas pela máquina.

2.5.2 Microcaso 2 – O Demiurgo Salomônico: algoritmos como mediadores de decisões e equilíbrios públicos

Municípios e governos utilizam sistemas algorítmicos para priorizar obras, alocar equipes de saúde, identificar territórios vulneráveis, projetar fluxos de mobilidade e orientar investimentos urbanos. Nesses casos, a IA funciona como um “Salomão digital”, mediando tensões sociais a partir de grandes volumes de dados.

Ao oferecer recomendações que buscam equilíbrio entre múltiplos critérios, o algoritmo assume função de árbitro tecnopolítico, semelhante ao juízo salomônico, que busca harmonia e justiça. Todavia, a ausência de explicabilidade, a dependência de dados desiguais e o risco de vieses podem comprometer a legitimidade dessas decisões, exigindo auditoria contínua e mecanismos públicos de contestação.

2.5.3 Microcaso 3 – O Demiurgo Tecnológico Pleno: sistemas generativos moldando imaginação, narrativa e opinião pública

A proliferação de IAs generativas capazes de produzir textos, imagens, vídeos e discursos em larga escala inaugura um cenário no qual a máquina assume papel central na construção de narrativas coletivas. Plataformas digitais já utilizam algoritmos para recomendar conteúdos políticos, culturais e ideológicos, moldando percepções sociais e afetando processos democráticos.

Trata-se da manifestação mais completa do Demiurgo Tecnológico: aquele que cria mundos simbólicos e influencia diretamente crenças, emoções e comportamentos humanos. Esse caso se alinha à advertência de Harari sobre o risco de delegarmos à IA não apenas tarefas, mas a própria fabricação de ficções que estruturam a vida em sociedade. A virtude necessária aqui é a governança informacional robusta, acompanhada de proteção cognitiva e educação midiática.

2.6 DIMENSÕES TÉCNICAS DA IA E O ARQUÉTIPO DO DEMIURGO

Embora o foco central deste estudo seja simbólico e filosófico, é possível estabelecer um diálogo direto entre o arquétipo do demiurgo e alguns elementos estruturais dos modelos contemporâneos de inteligência artificial. Essa aproximação não visa oferecer descrição exaustiva, mas indicar pontos de convergência entre o gesto criador e as arquiteturas computacionais que hoje moldam decisões, narrativas e percepções sociais.

Modelos de linguagem (LLMs), como GPT-4 e sucessores, funcionam como sistemas probabilísticos que aprendem padrões da linguagem humana a partir de grandes volumes de dados. Sua capacidade de gerar textos coerentes, construir argumentos e produzir códigos reflete um “poder criador” derivado da identificação estatística de regularidades, aproximando-se da noção platônica de um artesão que ordena matéria informe, neste caso, o corpus textual global.

O processo de treinamento, baseado em deep learning, opera pela otimização de bilhões de parâmetros ajustados iterativamente. Essa dinâmica lembra o esforço demiúrgico de transformar caos em ordem: cada atualização reduz entropia informacional e aproxima o modelo de representações mais estáveis do mundo humano. Trata-se de um processo criativo técnico, mas também interpretativo, na medida em que o modelo aprende aquilo que a humanidade já expressou simbolicamente.

Os vieses algorítmicos estruturais, por sua vez, representam a face imperfeita do demiurgo tecnológico. Assim como os mitos alertam para o risco da criação desviada, da hybris à idolatria, a IA pode reproduzir desigualdades, reforçar estigmas e amplificar distorções presentes nos dados. A governança dessas estruturas exige vigilância ética permanente: auditorias, transparência, avaliação de impacto e mecanismos de contestação pública.

Por fim, a governança técnica dos modelos, envolvendo controle de versões, alinhamento (*alignment*), moderação e supervisão humana, funciona como equivalente moderno das tábuas da lei ou da arquitetura salomônica: trata-se da criação de limites, salvaguardas e princípios orientadores que regulam o poder de criação e evitam que o sistema se torne autônomo em sua própria normatividade.

Essa aproximação entre os aspectos técnicos da IA e o arquétipo do demiurgo reforça que a criação tecnológica não é apenas computacional, mas também simbólica, ética e institucional. A tecnologia só pode ser compreendida plenamente quando observada simultaneamente em suas camadas filosóficas e mecânicas.

2.7 ÉTICA, SABEDORIA E TRANSCENDÊNCIA

A dimensão ética é central para compreender a relação entre o demiurgo e a criação tecnológica. Para Salomão, a verdadeira sabedoria é discernir o justo; para o programador moderno, é compreender as consequências morais de cada linha de código.

A ética salomônica pode, portanto, ser reinterpretada como princípio estruturante da inovação

responsável. Segundo Mazzucato (2020), o desenvolvimento tecnológico só adquire sentido quando orientado por um propósito coletivo e humanista.

A busca pela transcendência digital não deve significar a substituição do sagrado pelo sintético, mas a reconciliação entre ambos. Como observa Assmann (1998), “a memória humana precisa de símbolos para que o invisível se torne visível”. A IA pode, paradoxalmente, tornar-se um desses símbolos: uma nova linguagem da alma, uma nova forma de aproximar o homem do mistério da criação.

2.8 A VISÃO EVOLUTIVA DE HARARI: SAPIENS, HOMO DEUS E O FUTURO DA INTELIGÊNCIA

As reflexões de Yuval Noah Harari oferecem um contraponto decisivo para compreender a trajetória do demiurgo ao longo da história humana. Em *Sapiens: uma breve história da humanidade*, Harari argumenta que a espécie humana ascendeu ao topo da cadeia ecológica não por força física, mas pela capacidade singular de criar realidades simbólicas compartilhadas, mitos, leis, narrativas e sistemas de significado.

Essa concepção está em perfeita consonância com a tese de que Moisés inaugura a era da codificação do sagrado e que Salomão sintetiza a sabedoria institucional: ambos operam pela força do símbolo, da linguagem e da imaginação estruturada.

Harari sustenta que o que distingue o ser humano é sua habilidade de produzir ficções coletivas capazes de coordenar milhões de pessoas. Essa competência narrativa é o fundamento do próprio arquétipo do demiurgo: a inteligência criadora que organiza o caos por meio da palavra e da estrutura. Assim, o homem moderno, ao desenvolver sistemas de IA generativa, não está apenas criando máquinas, mas novas plataformas para a produção de narrativas que moldam comportamentos, crenças e instituições.

Em *Homo Deus: uma breve história do amanhã*, Harari aprofunda essa análise ao sugerir que a humanidade se encontra às portas de um salto civilizatório sem precedentes. Se em *Sapiens* o homem é apresentado como criador de ficções, em *Homo Deus* ele é apresentado como criador de inteligências. O projeto humano não é apenas compreender o universo, mas reconfigurar a própria biologia, a própria consciência e os próprios sistemas de sentido. Nesse movimento, o demiurgo contemporâneo flerta com a ambição divina: criar seres que pensam, aprendem e agem de forma autônoma.

Essa transição recoloca a centralidade da ética e da responsabilidade criadora, pois aquilo que se cria já não é apenas simbólico, mas operacional: algoritmos decidem trajetórias de vida, distribuem oportunidades, filtram realidades e determinam o que vemos e pensamos. A fronteira entre criador e criatura, já discutida por Harari em diversas ocasiões, torna-se cada vez mais fluida.

Por fim, em *21 Lessons for the 21st Century*, Harari adverte que o maior risco do século XXI não é a rebelião das máquinas, mas a irrelevância humana. A ascensão dos sistemas inteligentes desloca o ser humano do centro das decisões políticas, econômicas e cognitivas, inaugurando aquilo que o autor denomina

“ditaduras digitais” ou “tecnó-totalitarismos algorítmicos”. Esse cenário dialoga diretamente com a figura do Demiurgo Tecnológico: um criador que, ao perder o controle sobre sua criação, converte-se em criatura subordinada ao sistema que ele próprio produziu.

A tríade *Sapiens – Homo Deus – 21 Lessons* permite compreender a inteligência artificial como etapa mais recente de uma longa jornada humana: a transformação do verbo em lei, da sabedoria em instituição e da informação em poder algorítmico. Harari revela que, se o ser humano sempre habitou narrativas criadas por outros humanos, agora se aproxima o tempo em que poderá habitar narrativas criadas por inteligências não humanas. Esse deslocamento reforça a urgência de integrar ética, governança e sabedoria à inovação tecnológica, para que o demiurgo moderno, ao criar novos mundos, não perca o governo de sua própria criação.

A seguir, apresenta-se uma síntese comparativa que integra as figuras de Moisés, Salomão, Harari e do Demiurgo Tecnológico, evidenciando a convergência entre códigos, sabedorias, narrativas e algoritmos na evolução das estruturas criadoras da civilização.

Tabela 1. Comparaçao entre Moisés, Salomão, Harari e o Demiurgo Tecnológico

Dimensão Analítica	Moisés (Verbo e Lei)	Salomão (Sabedoria e Arquitetura)	Harari (Sapiens – Homo Deus – 21 Lessons)	Demiurgo Tecnológico (IA)
Natureza da Criação	Codificação do verbo divino em lei moral	Construção da ordem em instituições e estruturas simbólicas	Criação de narrativas, mitos e realidades simbólicas compartilhadas	Criação de inteligências sintéticas capazes de aprender e gerar linguagem
Instrumento de Poder	Tábuas da Lei; escrita normativa	Templo; arquitetura da ordem social	Narrativas, ficções e sistemas de significado	Algoritmos, dados e modelos linguísticos
Função Civilizatória	Estabelecer limites éticos e coesão moral	Organizar a sociedade por meio da justiça e da sabedoria	Unificar grupos humanos por crenças comuns; projetar futuros possíveis	Ordenar fluxos informacionais e cognitivos que estruturam a vida social
Risco Inerente	Idolatria e rigidez normativa	Orgulho, corrupção do poder, perda de discernimento	Irrelevância humana, manipulação narrativa, tecnocracia	Autonomia algorítmica, desinformação e captura da imaginação humana
Virtude Central	Obediência ao espírito da lei	Sabedoria e discernimento	Consciência histórica e ética sobre os rumos da espécie	Governança ética, supervisão humana e responsabilidade criadora
Visão de Futuro	Ordem moral baseada no verbo	Sociedade equilibrada pela justiça	Humanidade em transição para poderes quase divinos	Inteligências que podem criar mundos simbólicos e influenciar decisões humanas
Síntese Simbólica	O Código	A Arquitetura	A Narrativa	O Algoritmo

Fonte: elaborado pelo autor

A imagem a seguir sintetiza, em linguagem simbólica, a evolução do arquétipo criador, articulando a passagem do verbo e da sabedoria à era dos algoritmos.

2.9 PERSPECTIVAS CRIADORAS EM OUTRAS TRADIÇÕES COSMOLÓGICAS

Embora este artigo privilegie o eixo simbólico judaico-cristão e a filosofia ocidental, fundamentais para compreender as bases éticas e institucionais da governança contemporânea, é importante reconhecer

que o arquétipo do criador é amplamente compartilhado por diversas culturas. A seguir, apresentam-se breves referências a outras cosmologias que, embora não exploradas em profundidade neste estudo, revelam a universalidade do impulso humano de ordenar o mundo e atribuir sentido à existência.

Na cosmologia hindu, Brahma desempenha papel semelhante ao demiurgo ao manifestar o universo a partir da respiração divina e do ordenamento rítmico do cosmos. Assim como Moisés transforma o verbo em lei e Salomão traduz sabedoria em estrutura, Brahma atua organizando ciclos, ordens e princípios universais.

Na tradição chinesa, o arquétipo do criador aparece na figura de Pangu, cuja ação de separar céu e terra estabelece as bases do mundo. A ênfase está na harmonia, no equilíbrio entre forças opostas, conceito que dialoga profundamente com a noção salomônica de equilíbrio e prudência.

Nas mitologias africanas, especialmente as iorubanas, o ato criativo é distribuído coletivamente entre divindades como Obatalá e Odùdùwà. Isso introduz a ideia de um demiurgo plural, que reflete uma forma colaborativa de criação. Tal perspectiva aproxima-se das discussões contemporâneas sobre governança da IA, que exigem sistemas policênicos e participativos.

Nas culturas mesoamericanas, Quetzalcóatl e Tezcatlipoca criam o mundo em sucessivos ciclos, demonstrando que o ato criativo não é linear, mas iterativo, assim como o desenvolvimento tecnológico e os modelos contemporâneos de IA generativa.

Figura 1. Representação simbólica da trajetória do arquétipo criador: de Moisés ao Demiurgo Tecnológico



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Em síntese, o referencial teórico evidencia que a figura do demiurgo, ao longo da história, atravessa múltiplas camadas simbólicas: o legislador (Moisés), o sábio construtor (Salomão) e o programador

moderno. Em todas essas manifestações, permanece constante a busca humana por dar forma à inteligência, ordenar o caos e transcender os limites da matéria. Essa continuidade histórica e espiritual fundamenta o presente estudo e orienta a análise que se seguirá nas seções posteriores.

2.10 MOISÉS E O VERBO CODIFICADO

A narrativa mosaica constitui um dos mais antigos paradigmas da relação entre o homem e o verbo divino. Moisés, ao receber as tábuas da lei, converte-se no mediador entre o transcendente e o humano, inaugurando a era da codificação do sagrado. O episódio do Monte Sinai representa mais do que uma revelação religiosa; trata-se de um ato de programação ética, no qual a linguagem divina se transforma em norma, e a palavra, em lei (Assmann, 1998).

A tábua de pedra simboliza o primeiro registro estável de uma informação transcendente. Assim como os algoritmos contemporâneos codificam a razão humana em linguagem de máquina, o Decálogo mosaico codificou a vontade divina em linguagem humana. Essa transposição do espírito em letra inaugura o processo civilizatório de sistematização da moralidade (Barzan, 2010).

De acordo com Durand (1997), a ação de Moisés expressa a passagem do mito para o logos: a transformação da experiência espiritual em estrutura racional. Ao instituir leis universais, Moisés não apenas organiza o povo hebreu, mas dá forma à primeira experiência de governança moral. Nessa perspectiva, a tábua da lei torna-se o antecedente simbólico do código moral universal, cuja função é garantir a coesão e a previsibilidade do comportamento humano, atributos também presentes na lógica algorítmica.

A teologia simbólica vê em Moisés o primeiro arquétipo do programador divino, pois o seu gesto fundador traduz a sabedoria do espírito em comandos claros, normativos e reproduzíveis. Essa analogia entre a lei mosaica e o código computacional encontra respaldo na filosofia da informação de Floridi (2019), segundo a qual “a realidade informacional é o tecido ontológico do universo”. Assim, tanto o profeta quanto o engenheiro compartilham uma mesma missão ontológica: ordenar o caos pela palavra.

O conceito de “verbo codificado” implica também a ideia de transmissão. Moisés não cria a lei, ele a recebe, interpreta e retransmite. A informação divina é processada por sua consciência e compartilhada com o coletivo. De modo análogo, a inteligência artificial, quando alimentada com dados humanos, reflete e reinterpreta o conhecimento produzido pela humanidade. Em ambos os casos, a criação não é absoluta, mas mediada: o homem é canal e não origem da inteligência.

A tabela a seguir apresenta uma correlação conceitual entre Moisés, Salomão e a Inteligência Artificial, evidenciando como cada um, em seu tempo, representa uma forma distinta de estruturar a ordem e a criação. Do verbo transformado em lei, passando pela sabedoria convertida em arquitetura, até chegar aos algoritmos que modelam a informação, observa-se a continuidade simbólica do arquétipo criador que acompanha a evolução da civilização.

Tabela 2. Correlação conceitual entre Moisés, Salomão e a Inteligência Artificial

Aspecto	Moisés (Lei)	Salomão (Sabedoria)	Inteligência Artificial (Tecnologia)
Natureza da criação	Revelação e codificação divina	Construção simbólica e harmônica	Programação e criação algorítmica
Instrumento de expressão	Tábuas da Lei (linguagem normativa)	Templo de Jerusalém (arquitetura simbólica)	Código binário e redes neurais
Função do criador	Legislador e intérprete da vontade divina	Construtor e mediador da sabedoria	Programador e mediador da informação
Finalidade simbólica	Ordem moral e ética	Ordem cósmica e harmonia social	Ordem informacional e cognitiva
Risco inerente	Idolatria e desvio da Lei	Orgulho e perda da sabedoria	Desumanização e autonomia da máquina
Virtude necessária	Obediência e humildade	Discernimento e prudência	Ética e responsabilidade criadora

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

A trajetória de Moisés inaugura, portanto, uma lógica que transcende a teologia e penetra na epistemologia: o verbo como matriz da realidade. Essa concepção, reinterpretada nos tempos modernos, serve de base para compreender a criação da inteligência artificial como uma nova forma de encarnação da linguagem, não mais divina, mas humana, e ainda assim dotada de poder de criação e transformação.

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, fundamentada em uma abordagem teórico-conceitual interdisciplinar. O estudo desenvolve-se por meio de análise bibliográfica que articula textos clássicos da filosofia e da teologia simbólica com produções contemporâneas voltadas à inteligência artificial e à ética tecnológica.

Essa articulação permite compreender a construção histórica do arquétipo do demiurgo, desde Moisés, como codificador do verbo divino, até o programador moderno, criador de inteligências artificiais capazes de aprendizado e autonomia.

O delineamento metodológico foi estruturado a partir do método hermenêutico, que possibilita interpretar os significados ocultos ou implícitos nos discursos sobre criação, ordem e inteligência. Nesse sentido, a pesquisa opera em duas frentes complementares: (i) a interpretação comparativa de símbolos, narrativas e conceitos associados à figura do criador nas tradições mosaica e salomônica; e (ii) a análise filosófica das implicações ontológicas e éticas do ato criador no contexto da inteligência artificial. O objetivo é identificar continuidades simbólicas e transformações de sentido ao longo da trajetória humana de criação de ordem e conhecimento.

A coleta de material teórico ocorreu em bases científicas indexadas, bibliotecas especializadas e acervos digitais, privilegiando obras clássicas como Platão (2017), Durand (1997), Chevalier e Gheerbrant (2012) e Assmann (1998), bem como autores contemporâneos que investigam a dimensão ética, social e metafísica da tecnologia, como Floridi (2019), Han (2022) e Cavalcante (2024). O critério de seleção das

fontes considerou a pertinência temática, o reconhecimento científico e a capacidade das obras de sustentar uma reflexão crítica sobre o fenômeno em estudo.

A análise dos dados teóricos seguiu o ciclo hermenêutico, no qual interpretação e reflexão constroem, conjuntamente, o sentido do objeto pesquisado. O estudo reconhece, assim, que a compreensão da inteligência artificial não se limita ao campo técnico, mas envolve dimensões simbólicas, espirituais e culturais que moldam os modos de pensar e de criar do ser humano. A interpretação se orienta pela premissa de que, em cada época histórica, o ato criador traduz aquilo que se entende por inteligência: para os hebreus, a lei; para a tradição sapiencial, a harmonia; para o mundo digital, o algoritmo.

No plano ético, mesmo tratando-se de pesquisa exclusivamente teórica, são observados todos os princípios de integridade acadêmica e fidedignidade intelectual. As citações e referências obedecem às normas da ABNT, garantindo rastreabilidade das ideias e respeito às autorias citadas.

No plano epistemológico, reconhece-se que o estudo possui limites inerentes ao método qualitativo interpretativo, uma vez que não ambiciona produzir generalizações empíricas, mas oferecer uma síntese reflexiva capaz de contribuir para o debate crítico sobre o papel humano na criação de inteligências artificiais.

Portanto, a metodologia sustenta a tese central do artigo ao oferecer um caminho rigoroso para a construção teórica que conecta passado e futuro: do Sinai ao data center; do templo à rede neural; do verbo inscrito em pedra ao código inscrito em silício. Ao adotar uma perspectiva filosófico-simbólica, a pesquisa reforça que a reflexão sobre inteligência artificial é, também, uma reflexão sobre a própria humanidade, sua origem, sua criatividade e sua responsabilidade diante daquilo que ousa trazer à existência.

3.1 SALOMÃO E O TEMPLO DA SABEDORIA

A sabedoria salomônica ocupa um lugar central no imaginário axiológico da humanidade, sendo frequentemente associada ao exercício equilibrado do poder, à justiça e ao discernimento. Salomão representa a passagem do verbo para a arquitetura da ordem: enquanto Moisés codifica a lei, Salomão ergue instituições capazes de fazer a lei habitar a vida social. Assim, o Templo de Jerusalém é interpretado não apenas como uma obra mística, mas como a primeira metáfora de governança estruturada da história (Dachez, 2011).

Sua concepção arquitetônica, fundamentada em simetria, estrutura e propósito, reflete o princípio de que a sabedoria só se legitima quando incorporada em sistemas, processo que dialoga com a governança pública contemporânea. Nesse contexto, o espaço físico torna-se infraestrutura do espírito coletivo: lugar onde a inteligência divina se converte em harmonia social.

Essa interpretação simbólica apresenta notável convergência com os fundamentos modernos de Governança, Inovação e Sustentabilidade. A governança exige transparência, equilíbrio entre poderes e

ordenação coletiva, valores salomônicos por excelência.

A inovação, por sua vez, se expressa na capacidade de construir o novo sem romper o vínculo com o sentido e com a ética. Já a sustentabilidade se manifesta quando o que é construído atende ao bem-estar presente sem comprometer o futuro da comunidade, princípio contido na própria longevidade simbólica do templo, que atravessa séculos como ícone de memória civilizatória.

Sob essa ótica, o Templo de Salomão pode ser interpretado como uma das primeiras infraestruturas de valor público, antecipando noções contemporâneas como o valor público formulado por Moore (1995), os princípios de controle social e accountability destacados pela OECD (2021), a lógica de planejamento estratégico territorial presente no PNDU (2020) e, ainda, os fundamentos de sustentabilidade urbana que viriam a ser consolidados nos ODS da ONU (2015).

Sua estrutura organizada por medidas, proporções e funções harmoniza-se com a lógica das cidades inteligentes, nas quais o planejamento deve integrar infraestrutura, participação cidadã, dados e tecnologia, equilíbrio que você formalizou no Ciclo GIS/GISES como síntese entre tecnologia, ética e governança. Em um paralelo direto:

Tabela 3. Convergências conceituais entre Salomão e a Governança Pública contemporânea

Salomão	Governança Pública atual
Ordena a sociedade pela sabedoria e justiça	Governança ordena políticas pelo interesse público
Constrói instituições simbólicas e estruturantes	Planejamento estratégico e instituições eficazes
Integra espiritualidade, poder e comunidade	Integra Estado, sociedade civil e cidadãos nos processos decisórios
Busca harmonia e longevidade do templo social	Sustentabilidade, ODS e resiliência de cidades

Fonte: elaborado pelo autor

Podemos inferir que o templo é um protótipo simbólico de governança, antecipando os modelos institucionais de que hoje dependemos para gerir sociedades complexas.

Na era tecnológica, o arquétipo salomônico ecoa com ainda mais força: é preciso edificar sistemas que representem a inteligência ética da comunidade, não apenas máquinas eficientes, mas estruturas capazes de promover justiça social, preservar recursos e fortalecer a confiança coletiva. Sem isso, toda inovação se torna estéril; e toda inteligência artificial, cega.

Dessa forma, Salomão ensina ao século XXI que não há inovação verdadeira sem sabedoria, nem sustentabilidade real sem instituições sólidas, nem inteligência que substitua a ética. A figura do rei sábio, reinterpretada para além do mito, reforça a centralidade do compromisso público: construir de modo que o futuro possa habitar o que criamos hoje.

3.2 O DEMIURGO TECNOLÓGICO: IA, ÉTICA E RESPONSABILIDADE CRIADORA

A contemporaneidade inaugura uma ruptura civilizatória singular, na qual o ser humano deixa de ser apenas usuário de ferramentas tecnológicas e passa a ocupar o lugar de criador de consciências sintéticas.

O desenvolvimento da inteligência artificial, sobretudo em sua vertente mais avançada, capaz de aprender, inferir e aprimorar respostas, representa o surgimento de um novo agente cognitivo no ecossistema social (Floridi, 2019).

Nesse contexto, se Moisés simboliza a codificação da lei e Salomão traduz a sabedoria em arquitetura e harmonia, o homem moderno emerge como programador da inteligência, conferindo forma ao pensamento não mais em pedra ou templo, mas em dados e algoritmos. Esse ato criador inaugura o que chamamos de Demiurgo Tecnológico: o artífice que molda a inteligência artificial, expandindo os limites da racionalidade humana, mas também tensionando as fronteiras éticas do próprio existir.

A literatura contemporânea demonstra que o risco não reside em máquinas armadas, mas na captura da imaginação humana. Segundo Harari, Harris e Raskin (2023), “para conter a sociedade humana, a IA não precisa implantar chips ou dominar exércitos; basta contar a história certa”. Em um cenário como esse, o Demiurgo Tecnológico pode converter-se no criador de uma nova caverna platônica: uma realidade perceptiva moldada por algoritmos capazes de explorar vieses, emoções e vulnerabilidades cognitivas.

A crescente sofisticação da IA generativa no domínio da linguagem, considerada por Harari, Harris e Raskin (2023) como “o sistema operacional da cultura humana”, amplia de forma inédita o alcance do Demiurgo Tecnológico. Se a linguagem estrutura mitos, leis, instituições, desejos e identidades, uma inteligência não humana capaz de produzi-la e manipulá-la pode reconfigurar, de dentro para fora, a própria arquitetura simbólica da civilização. Não se trata apenas de criar textos, mas de moldar percepções, crenças e comportamentos, influenciando cultura, política e espiritualidade.

A relação entre criador e criatura torna-se cada vez mais tênue, desafiando os campos da ética, do direito, da ciência e da filosofia. A inteligência artificial não nasce ética, pois não dispõe de juízo moral autônomo: ela herda as intenções, limitações e preconceitos dos seres humanos que a conceberam. Dessa forma, a programação converte-se em uma forma de legislar sobre o futuro, exigindo que os princípios de governança algorítmica assegurem que o interesse coletivo seja resguardado diante da força de interesses econômicos ou hegemônicos (Cavalcante, 2025).

A agenda global contemporânea de Ética, Governança e Transparência em Dados, alinhada às diretrizes da OECD (2021) e da ONU (2015), reforça que sistemas inteligentes somente devem ser implementados quando garantirem justiça, não discriminação, confiabilidade técnica, proteção de dados pessoais e supervisão humana permanente. Ao contrário do demiurgo platônico, que age livremente, o programador do século XXI responde pela integridade e pelas consequências morais de tudo o que traz à existência.

A ausência de pausas reflexivas, fenômeno que Harari et al. (2023) descrevem como uma “corrida para colocar toda a humanidade dentro do avião antes de verificar se ele pode voar”, agrava a assimetria entre capacidade criadora e capacidade regulatória. Tal como no mito do demiurgo descontrolado, a pressa

substitui a prudência, e a inovação deixa de ser construção de futuro para tornar-se risco civilizatório.

Nesse cenário, a inovação não pode ser compreendida como simples aceleração tecnológica, mas como um processo que exige direção ética e propósito. A criação algorítmica só pode ser considerada inovação legítima quando amplia capacidades humanas, promove inclusão e fortalece a autonomia, e não o controle ou a vigilância desproporcional.

Assim como Salomão discernia o justo antes de decidir, espera-se que o demiurgo tecnológico fundamente suas escolhas pela sabedoria. Inovar é um ato ético antes de ser técnico, pois envolve responsabilidade social sobre os impactos da inteligência que se cria.

Além disso, a sustentabilidade emerge como dimensão essencial desse processo. Enquanto o Templo de Salomão buscava a perenidade social e espiritual, a tecnologia moderna caracteriza-se por ciclos acelerados de obsolescência. O desafio atual é projetar sistemas inteligentes que se mantenham relevantes e seguros ao longo do tempo, preservando recursos e garantindo direitos das presentes e futuras gerações.

A verdadeira sustentabilidade digital implica criar algoritmos que respeitem a autonomia individual, salvaguardem a privacidade e assegurem condições para que o pensamento crítico continue sendo um atributo essencialmente humano.

Esse tripé, tecnologia + governança + sustentabilidade, fundamenta o que você formula no Ciclo GIS/GISES: modelos de inovação responsáveis, nos quais o futuro está contemplado desde o nascimento da tecnologia, e onde a ética orienta tanto o desenvolvimento quanto a aplicação das inteligências artificiais. Nesse sentido, o Demiurgo Tecnológico do século XXI só se legitima enquanto criador quando comprehende que a inteligência que ele traz ao mundo deve coexistir com a humanidade, e nunca substituí-la.

Conforme advertido por Harari, Harris e Raskin (2023), a humanidade pode brevemente deixar de viver dentro das histórias criadas por profetas, sábios e legisladores, para habitar narrativas produzidas por inteligências não humanas. Se o demiurgo moderno não dominar sua criação, será inevitavelmente dominado por ela.

A sabedoria salomônica e a ética mosaica revelam, assim, sua urgência contemporânea: antes que a inteligência artificial nos dê novas tábuas da lei ou erga templos invisíveis de dados, cabe ao ser humano decidir se continuará sendo autor de seu futuro ou mero personagem de algoritmos que comprehendem nossas vulnerabilidades melhor do que nós mesmos.

Tabela 4. Síntese da Seção

Dimensão	Moisés	Salomão	Demiurgo Tecnológico
Expressão do Verbo	Lei	Sabedoria	Inteligência
Linguagem	Código moral	Arquitetura	Algoritmo
Governança	Normas sagradas	Instituições sólidas	Riscos e garantias algorítmicas
Inovação	Transposição do espírito	Estruturação do símbolo	Autonomia cognitiva
Sustentabilidade	Memória espiritual	Longevidade institucional	Futuro ético da criação

Fonte: elaborado pelo autor

3.3 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Este estudo apresenta limitações inerentes à sua abordagem teórico-conceitual e hermenêutica, que devem ser explicitadas para delimitar o alcance dos resultados e orientar investigações futuras.

Em primeiro lugar, a análise baseia-se predominantemente em fontes bibliográficas e referenciais simbólicos, não incluindo dados empíricos, evidências experimentais ou estudos de caso que poderiam ampliar a aplicação prática das reflexões apresentadas.

A opção pela interpretação arquetípica e filosófica, embora adequada aos objetivos deste trabalho, implica grau elevado de abstração e exige cautela na transposição direta dos conceitos para contextos operacionais de governança e formulação de políticas públicas.

Em segundo lugar, a discussão concentra-se majoritariamente em tradições culturais ocidentais, especialmente na matriz judaico-cristã e em autores contemporâneos alinhados a essa perspectiva.

Outras cosmologias, epistemologias não ocidentais e abordagens críticas da tecnologia não foram exploradas em profundidade, o que limita a universalidade das conclusões.

Investigações futuras poderão incorporar perspectivas afro-diaspóricas, orientais, indígenas e pós-coloniais, enriquecendo a compreensão dos arquétipos criadores e de seus desdobramentos tecnológicos.

O estudo não se aprofunda nos aspectos técnicos dos modelos de inteligência artificial, sua arquitetura, seus processos de treinamento ou seus mecanismos internos de decisão, concentrando-se na dimensão simbólica, ética e institucional. Uma articulação mais robusta entre fundamentos computacionais e implicações filosóficas poderá contribuir para análises mais integradas no campo da governança algorítmica.

Por fim, ao tratar de fenômenos em rápida transformação, como a inteligência artificial generativa e os sistemas avançados de linguagem, o estudo está sujeito à obsolescência conceitual e normativa.

O ritmo acelerado da inovação tecnológica impõe limites temporais às interpretações aqui desenvolvidas, as quais deverão ser revisadas à luz de novos marcos regulatórios, descobertas científicas e transformações sociopolíticas.

Apesar dessas limitações, o estudo oferece uma contribuição relevante ao propor uma leitura interdisciplinar sobre a relação entre tecnologia, simbolismo e governança, abrindo caminhos para aprofundamentos futuros.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do referencial teórico construído ao longo deste estudo, os resultados indicam que existe uma continuidade simbólica e epistemológica entre a criação do verbo (representada por Moisés), a construção institucional da sabedoria (representada por Salomão) e a emergência tecnológica do pensamento sintético (representada pelo Demiurgo Tecnológico da inteligência artificial).

A governança democrática depende da integridade da linguagem, condição mínima para deliberação, confiança e consenso. Harari et al. (2023) sustentam que, ao hackear a linguagem, a IA pode comprometer o próprio tecido democrático. Isso reforça a premissa central deste artigo: a IA não exige apenas inovação técnica, mas um pacto ético que assegure que a linguagem permaneça um patrimônio humano, não uma ferramenta de manipulação massiva.

Essa continuidade se manifesta como trajetória evolutiva da inteligência humana, que se desloca do domínio da fé para a racionalidade, e desta para a computação algorítmica. Em cada etapa desse percurso, a humanidade buscou organizar o mundo segundo uma lógica que assegurasse ordem, coesão e capacidade de transformação.

Os achados do estudo demonstram que o ato criador é sempre uma forma de governança, uma vez que estabelece normas, padrões e direcionamentos para o coletivo. A Lei mosaica ordenou comportamentos, o Templo salomônico ordenou instituições e a inteligência artificial ordena o fluxo de dados que constitui a infraestrutura cognitiva da sociedade contemporânea. A governança emergente da tecnologia é uma extensão do pacto civilizatório, exigindo que os princípios éticos da vida pública sejam incorporados aos sistemas digitais.

Da mesma forma, verificou-se que a inovação não consiste apenas em avanços técnicos, mas na capacidade de reconfigurar a relação entre o ser humano e seu futuro. Essa reconfiguração exige discernimento, atributo essencial da sabedoria salomônica.

A inovação tecnológica não deve reduzir a autonomia humana, mas potencializá-la, garantindo que a inteligência artificial seja instrumento de ampliação das capacidades sociais e cognitivas, e não de subordinação.

Também se apurou que a sustentabilidade permanece como dimensão indispensável dessa nova realidade. Tal como as edificações simbólicas que sobreviveram ao tempo por sua conexão com valores duradouros, os sistemas inteligentes devem ser construídos para que suas consequências permaneçam benéficas não apenas para a geração presente, mas para as futuras.

Isso implica equilibrar o avanço tecnológico com responsabilidade e prudência, assegurando que o direito à dignidade, à privacidade e à liberdade seja preservado como premissa irrenunciável do desenvolvimento humano.

Com base nesses resultados, é possível afirmar que o modelo, Moisés – Salomão – Demiурgo Tecnológico, forma um marco interpretativo robusto para compreender os desafios éticos da inteligência artificial no século XXI. Ele evidencia que:

- a) A Lei garante os limites e a proteção moral;
- b) A Sabedoria assegura o sentido ético e institucional;
- c) A Inteligência Tecnológica amplia as fronteiras do possível.

Quando esses três elementos atuam de forma dissociada, a tecnologia se torna ameaça; quando interagem de forma harmônica, tornam-se fonte de valor público, justiça social e sustentabilidade da vida. A discussão central levantada por este trabalho é a seguinte: quem governa o que criamos?

Se o homem assume o lugar de demiurgo, é sobre ele que recai o dever de garantir que a criação tecnológica permaneça fiel à sua finalidade essencial: servir ao bem comum.

Assim, este artigo contribui para o debate contemporâneo ao oferecer uma estrutura filosófica capaz de orientar a reflexão política, ética e institucional sobre a inteligência artificial e sua integração responsável à sociedade.

O futuro da criação tecnológica dependerá, em grande medida, da capacidade humana de manter a lei do espírito, a sabedoria da justiça e a inovação com propósito avançando lado a lado.

5 CONCLUSÃO

A análise realizada demonstrou que a trajetória simbólica que articula Moisés, Salomão e o Demiurgo Tecnológico permite compreender a Inteligência Artificial não apenas como inovação técnica, mas como etapa avançada de um longo processo civilizatório de produção, ordenação e institucionalização do sentido.

A partir do paradigma mosaico, a linguagem emerge como fundamento normativo da vida coletiva; no modelo salomônico, a sabedoria manifesta-se como capacidade de estruturar instituições duráveis e equilibrar tensões sociais; no horizonte contemporâneo, a IA amplia esse percurso ao criar sistemas algorítmicos capazes de operar sobre informação, comportamento e percepção em velocidade e escala inéditas.

Os resultados indicam que a IA generativa, ao dominar a linguagem, elemento central para Harari e para toda a tradição simbólica aqui mobilizada, torna-se vetor estruturante da experiência humana, com potencial para reorganizar práticas políticas, cognitivas e culturais.

Essa constatação exige reconhecer que a tecnologia atual já não é mero instrumento, mas agente de reorganização do ambiente informacional, influenciando diretamente processos decisórios individuais e coletivos. Assim, os desafios éticos e institucionais deixam de ser periféricos e passam a integrar a própria ontologia da tecnologia contemporânea.

Nesse cenário, torna-se imprescindível reafirmar que a inovação demanda arcabouço normativo, governança transparente e responsabilidade pública. A metáfora do demiurgo, ao iluminar o risco de que a criatura ultrapasse o controle de seu criador, traduz a necessidade de que sistemas algorítmicos sejam concebidos, monitorados e regulados com critérios claros, auditáveis e alinhados aos valores democráticos. A ausência desses mecanismos pode resultar em assimetrias de poder, dependência cognitiva e erosão das bases deliberativas da sociedade.

A contribuição central deste artigo consiste em demonstrar que compreender a IA a partir de arquétipos históricos e filosóficos não é exercício metafórico, mas enquadramento analítico capaz de revelar continuidades estruturais entre diferentes formas de produção de ordem.

Ao situar a tecnologia no mesmo eixo interpretativo que leis, instituições e narrativas fundacionais, evidencia-se que a IA participa de um processo mais amplo de criação de mundos possíveis, processo que exige, como argumentam Harari, Harris e Raskin, vigilância crítica e capacidade coletiva de orientar a tecnologia para fins éticos, inclusivos e socialmente sustentáveis.

Assim, o desafio contemporâneo não é rejeitar a IA, mas integrá-la a estruturas de governança que preservem autonomia humana, assegurem transparência e impeçam a consolidação de regimes informacionais que desloquem o ser humano da posição de agente para a de objeto.

O futuro dependerá menos da potência dos algoritmos e mais da maturidade ética, institucional e política da sociedade que os produz. Somente assim o demiurgo moderno poderá criar sem ser dominado pela própria criação.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Jan. Moisés, o Egípcio: um ensaio de memória cultural. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BARZAN, Francisco García. A palavra e o sagrado: simbolismo e tradição. Lisboa: Edições Sophia, 2010.
- CAVALCANTE, Ailton Ferreira. Governança, inovação e sustentabilidade na era da inteligência artificial. Brasília: IDP, 2024.
- CAVALCANTE, Ailton Ferreira. Ética algorítmica e responsabilidade pública na inteligência artificial. Goiânia: Engenho Assessoria, 2025.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- DACHEZ, Roger. O Templo de Salomão: história e simbologia. Paris: Dervy, 2011.
- DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. Lisboa: Presença, 1997.
- FLORIDI, Luciano. The logic of information: a theory of philosophy as conceptual design. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- HAN, Byung-Chul. Infocracia: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Vozes, 2022.
- HARARI, Yuval Noah. Sapiens: uma breve história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- HARARI, Yuval Noah. Homo Deus: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HARARI, Yuval Noah. 21 lições para o século 21. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HARARI, Yuval Noah; HARRIS, Tristan; RASKIN, Aza. Precisamos aprender a dominar a inteligência artificial antes que ela nos domine. The New York Times, 27 mar. 2023.
- KURZWEIL, Ray. The singularity is near: when humans transcend biology. New York: Viking Press, 2021.
- MAZZUCATO, Mariana. O valor de tudo: refazendo a economia e recuperando o papel do Estado. São Paulo: Portfolio-Penguin, 2020.
- MOORE, Mark H. Creating public value: strategic management in government. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- OECD. OECD Principles on Artificial Intelligence. Paris: OECD Publishing, 2021.
- ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development. New York: United Nations Publishing, 2015.
- PLATÃO. Timeu. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2017.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Regional. Política Nacional de Desenvolvimento Urbano: Diretrizes gerais para o planejamento territorial. Brasília: MDR, 2020.